



Hoje ainda é sobre ontem: dramaturgia enredada no entre tempos

Today is still about yesterday: dramaturgy
enmeshed in between times

Luane Pedroso¹, Caroline Vetori de Souza²

1. Doutoranda pelo PPG em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Mestra em Teatro pela UDESC. Especialista em Dança: Educação e Cultura. Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá. Atriz e pesquisadora nas áreas de teatro e dança. E-mail: luane.mainha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8127-617X>

2. Mestranda pelo PPG em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Bolsista CAPES. E-mail: veticaroline@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9389-272X>.

Resumo |

O teatro com viés feminista ganha novos contornos a cada dramaturgia encenada ou escrita. Pensar nas fissuras que podemos alcançar faz parte desta construção no campo dramaturgício, em que as autoras alinham-se enquanto mulheres artistas e pesquisadoras da cena. A personagem central que guia esta escrita é Joana, inspirada na figura histórica de Joana d’Arc. A dramaturgia foi desenvolvida entrelaçando passado e presente e fabulando outras histórias possíveis nessa articulação de tempos.

Palavras-chave: Dramaturgia. Teatro feminista. Bruxas. Joana d’Arc.

Abstract |

Theater with a feminist bias gains new contours with each dramaturgy staged or written. Thinking about the cracks we can reach is part of this construction in the dramaturgical field, in which the authors align themselves as women artists and researchers in the scene. The central character who guides this writing is Joana, inspired by the historical figure of Joana d’Arc. The dramaturgy was developed by intertwining the past and the present and fabulating other possible stories in this articulation of times.

Keywords: Dramaturgy. Feminist theater. Witches. Joana d’Arc.

Introdução

A dramaturgia que segue é parte constituinte da pesquisa de Doutorado, em andamento, de Luane Pedroso, e foi escrita em parceria com Caroline Vetori de Souza. Seu processo criativo tangencia a *dramaturgia de f(r)icção*, conceito explanado por Luciana Lyra em suas pesquisas de Mestrado (2005) e Doutorado (2011).

Lyra ampara-se nos estudos do antropólogo John Dawsey (2010), que grafa o termo *f(r)icção*, fruto de um jogo com as palavras ficção e fricção. O autor cita as experiências rituais e teatrais que se utilizam de máscaras, mas sem escondê-las. Máscara, então, é compreendida não apenas enquanto o objeto, mas também enquanto um estado outro, que proporciona certas ações nas atuantes. Dessa forma, “[...] corpos e máscaras se f(r)iccionam”, conforme aponta Dawsey (2010, p.2).

Nesses eventos, a atuante/participante do ritual ou expressão artística não é a personagem em si, mas também não é ela mesma: atuante e personagem mesclam-se, fundem-se, sem se esconderem; formam uma terceira imagem, que se revela do atrito entre ficcional e real.

No centro da cena está Joana, que carrega os aspectos velados de milhares de mulheres queimadas vivas durante a Idade Média na Europa, condenadas por bruxaria. Seu elemento é o fogo: ela é no cerne da arena teatral, onde sua fogueira será acesa. Ecos do século XV, a fogueira já não serve mais para queimar vidas, mas para transmutar histórias.

Na margem, está Alzira. Em sua trama ficcional, carrega as mulheres benzedeiras, rendeiras e pescadoras da cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. Seu elemento é a água: é na beira da caixa cênica que sua rede é lançada. Ecos do século XVIII, a rede já não serve para capturar vidas, mas para que o submerso emerja.

A narradora está presente e habita as histórias dessas duas mulheres – Joana e Alzira –, que se situam em diferentes temporalidades. É ela que faz a transposição de um tempo para o outro, pois está consciente dos acontecimentos. Transita entre elas, e compartilha essa experiência com a plateia.

Para dar corpo a Joana e a Alzira, Luane Pedroso recorre ao teatro de bonecos, manifestação artística relacionada às práticas cênicas populares e que nos acompanha há séculos, fazendo conexões com o tempo passado, de onde as personagens são evocadas. O teatro de bonecos também permite explorar e adensar camadas muito difíceis de acessar somente com o corpo humano, como é o caso da presença dessas três mulheres, localizadas em tempos históricos diferentes.

Joana e a Alzira são bonecas habitáveis, também conhecidas como híbridas ou geminadas, em que parte do corpo da atriz é parte do corpo da boneca. Assim, as pernas e os braços das bonecas são constituídos pelas pernas e braços da Narradora, que pisa o chão do presente e tateia o passado, reconstruindo com suas antecessoras as histórias que foram veladas e queimadas, para que possam ser lançadas ao mar alto.

Habitando Joana e Alzira, a Narradora faz parte dessas histórias em alguma medida, e é delas a mensageira. Joana, Alzira, a Narradora... é possível imaginar uma rede de mulheres que se forma, e que atravessa os tempos. Esse entre tempos ganha forma quando a narradora, que conhece as histórias passadas, antevê outras possibilidades de presente e futuro.

Ainda em processo de elaboração, esta dramaturgia vislumbra a possibilidade de contar histórias que foram apagadas ou omitidas ao longo dos séculos. Na atual conjuntura, em que vivemos um período de isolamento social e restrições, ficando circunscritas dentro dos domínios do privado, é notável o aumento do número de casos de violência doméstica contra as mulheres (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020), também silenciadas.

O teatro aqui proposto, com desdobramentos feministas, é um caminho para que lancemos luz nesses silenciamentos e violências, que ainda continuam nas sombras, sem possibilidades de uma ação transformadora. Este processo criativo encontra-se em curso, voltado agora para ensaios e aprofundamento dos temas.



Fig. 1: Registro de ensaio: Alzira e Narradora.
Fonte: Arquivo pessoal de Luane Pedroso. Foto de Andresa Lima.



Fig. 2: Registro de ensaio: Alzira.
Fonte: Arquivo pessoal de Luane Pedroso. Foto de Andresa Lima.

Tema: perseguição às mulheres; caça às bruxas

Personagens:

Alzira (boneca habitável): rendeira e pescadora. Possui conhecimentos sobre ervas e fases da lua. Seu elemento é a água.

Joana (boneca habitável): guerreira e “bruxa”. Vem do passado encontrar o presente e alertar sobre os perigos de esquecermos a história. Seu elemento é o fogo.

Narradora (atriz): habita Alzira e Joana. Mensageira, consciente das histórias ocorridas com ambas as personagens. Faz a interlocução entre os tempos, passado e presente.

A conexão entre Joana e Alzira se dá através da água.

As cinzas conectam Joana ao seu passado, e também aportam as lembranças daquelas que se foram; elemento de ressignificação.

As histórias rememoradas conectam Alzira e Joana com o público e com o presente, um convite ao vislumbre de outro futuro, na busca de não se repetirem as velhas carcaças históricas.

Elementos cênicos:

Caixotes de madeira para sentar; mesa; tricô/rede de memórias; colher de pau; tocha; ervas; três bacias de metal, sendo duas com os elementos (cinzas e água) e uma vazia; lamparina; buquê de flores; panela.

A mesa tem aspecto de altar ressignificado; lugar onde podemos registrar, escrever histórias que não podem ser reveladas, e buscar amparo.

Antes do início da peça, as espectadoras e os espectadores são convidados a escrever num papel uma memória ou uma história que tenha como protagonistas mulheres e que, em alguma medida, inspirem a elas e eles a buscarem outros futuros.

NARRADORA

Joana, sentada à mesa, escreve. Está iluminada apenas com uma luz amarelada da lamparina, mas suas palavras ardem, crepitam, a(s)cendendo Joana de dentro para fora. A busca de Joana sempre foi de dentro para fora; a busca pelas margens que gritam, mesmo com fogo; das margens que se tornaram margens, porque alguém lhes pôs fogo. Joana escreve, porque hoje ainda é sobre ontem.

A Narradora caminha até a mesa, senta e pega a carta, ao passo que dá materialização a Joana, cuja narrativa agora sai de sua boca.

JOANA

Querida amiga, eu ainda não a conheço. Talvez você esteja num futuro tão distante, que mais nada disso fará sentido. Mas, lhe escrevo, pois receio que os perigos que vivo ainda sejam sentidos por você.

Por aqui, os reinos de Inglaterra e França estão em guerra há mais de cem anos. Sou camponesa, mas precisei entrar em batalha. Me chamam de Joana. Mas quem me chama? Quem conta a minha história? Que história é essa que é forjada? O que não contam? Por que contam o que contam? E não contam outro tanto? E se...?

Joana devaneia com a luz fraca: o que não está sendo iluminado na tessitura da história? Pega a lamparina em mãos e, decididamente, vai lançar luz ao passado. Sai a procura. Não sabemos do quê, ou de quem; mas sabemos onde quer chegar: no presente.

Ilumina três bacias: uma contém água, a outra cinzas, e a terceira, está vazia.

Ao iluminar a bacia com água, começa a tocar a Ratoeira (canção popular entoada por rendeiras). Joana olha, devagar, para o fundo da sala, de onde se escuta o som. Caminha ao encontro dele e se depara com Alzira. Ilumina-a aos poucos.

Joana repousa a lamparina no chão. A luz vai trocando, ao passo que a Narradora “veste” Alzira.

Alzira pega seu tricô e segue em seu trabalho, compenetrada, enquanto Joana vez em quando observa o seu fazer, reconhecendo-a como uma mulher de um tempo futuro.

Alzira puxa a rede que estava tecendo. É uma rede de pescar memórias. O oceano da memória é profundo, turvo. Em sua rede, são trazidas ervas, uma tocha queimada e uma colher de pau.

Alzira caminha com a rede até a bacia com água, onde lava essas memórias, retirando os objetos ali presos. Os objetos remetem às histórias tanto de Alzira quanto de Joana.

Alzira pega a tocha, e há um diálogo corporal entre ela e a Narradora.

A Narradora, como que se apropriando das histórias, entoia:

NARRADORA *(cantando e caminhando com Alzira)*

De bruxa sou formada

Em minhas veias faz jornada

É do homem a fé que fere

Lanço o canto que o impede

Corre alta minha armada

Cavaleira contra a caçada

Cortes sobre minha pele

Vento forte que os leve

Clamo aqui a revoada

Dessas histórias queimadas

A Narradora, ainda cantando, repousa Alzira em sua cadeira. Caminha até a mesa; acende uma vela, e volta a escrever.

JOANA

E se eu lhe contasse que precisei ir para a guerra não impulsionada pela coroação de Carlos, ou pelos chamados divinos... Cercavam as terras. Estávamos sendo expulsas delas. Muitas já sem o que comer, por conta do dito progresso que tomava o campo.

E no campo de batalha, lutei ao lado daqueles que...

Joana titubeia na escrita, pela dificuldade de dar às palavras o peso que a história tem. Caminhando, um pouco inquieta, até a bacia, busca nas águas força para seguir, na conexão que a água propicia com as outras mulheres. Banha o rosto, tentando suavizar as linhas marcadas pelos tempos, deparando-se com a rede, deixada ali por Alzira. Suas mãos buscam a rede, lavando-a, como que tirando as camadas da história, para que as demais vozes e memórias possam vir à superfície. Encontra vestígios de Alzira nas profundezas da rede, pegando um punhado de ervas nas mãos.

JOANA

Alzira é rendeira e pescadora... mas não é de margem não. Diziam que ela pegava os barcos que ficavam na beirinha e saía durante a madrugada, lá pro meio da lagoa. A lagoa da Conceição, sabe? Diziam também que quem fazia isso era bruxa... (*Olha para as ervas, olha para si...*) Dizem muitas coisas por aí sobre a Alzira; sobre mim, nem preciso falar, né. Eu já falei. Ou, já falaram.

Joana é interrompida por uma lembrança que ainda estava presa na rede, uma colher de pau muito antiga.

NARRADORA *(ainda “habitando” Joana)*

Mas, o que precisa ser dito é que nós estamos aqui. E por mais que tentem nos calar... não irão.

Explora ações com a colher: enfia a colher goela abaixo; raspa a colher no pescoço.

Na busca de compartilhar a tessitura das histórias de tantas mulheres com Alzira, leva até ela a colher e as ervas. Alzira tem conhecimento profundo sobre as plantas e suas propriedade curativas.

Joana pega as ervas e as coloca em uma panela antiga, ao mesmo tempo em que a Narradora faz a troca e “veste” Alzira.

Alzira mistura as ervas com a colher de pau, como se estivesse cozinhando. Prepara um unguento e o passa pelo corpo.

Ela começa a dançar, na medida em que se banha com as ervas. A dança sugere que Alzira está se transformando em bruxa; mas, na verdade, ela só está se banhando para encontrar Manéca, seu amor.

Depois de dançar uma mistura de passos de Boi de Mamão e de “transformação bruxólica”, Alzira começa a lembrar de Manéca. Nesse momento, a dança, que era pesada e com vigor, transforma-se em um bolero, mais leve, divertido e romântico.

Enquanto dança, ela pega um buquê de flores, que simboliza seu amado. Dança com o buquê que, através da dança-vida, vai se desfazendo, até despedaçar-se (assim como seu amado).

A dança muda aos poucos, diminuindo seu ritmo. Alzira pega os pedaços e os leva até a bacia com as cinzas.

A dança acaba. Agora, Alzira, Joana e a Narradora agem em conjunto, velando Manéca. E velando Joana.

NARRADORA (*cantando*)

Bruxa, herege, infanticida

Mulher que não se portou

A navalha do destino

Da memória o fio cortou

Meu galho de malva, meu manjeriço

Dá três pancadinhas no meu coração

Meu galho de malva, meu buquê de flor

Nasceste no mundo pra ser meu amor

Ratoeira bem cantada

Faz chorar, faz padecer

Também faz um triste amante

Do seu amor esquecer

Meu galho de malva, meu manjeriço

Dá três pancadinhas no meu coração

Meu galho de malva, meu buquê de flor

Nasceste no mundo pra ser meu amor

As terras já se cercavam

Do campo nos expulsou

E a luta do meu povo

Outro tempo atravessou

Meu galho de malva, meu manjeriço
Dá três pancadinhas no meu coração
Meu galho de malva, meu buquê de flor
Nasceste no mundo pra ser meu amor

NARRADORA

Fiquei pensando no que falar agora... porque eu acho que vocês estão com sono... Cês tão com sono? Aí, também pensei que seria muito fácil e óbvio cair na palestrinha, né? E gente, deixa eu contar uma novidade, não tá funcionando... Tá, o que eu quero falar, que não se restrinja apenas a mim... Ah, que saco! Não, não é sobre melhorar. Não é sobre vocês, homens. Alguém tem alguma ideia de como a gente pode... o que a gente pode fazer? Ou, devo perguntar o que a gente precisa fazer?

Convida o público para que coloque os papéis, com as histórias escritas antes do início da peça, na terceira bacia.

... Porque pisamos em um cemitério, e não consigo mais negar que, a cada passo, ouço o grito das que me antecederam. Não posso mais me deixar levar pelos mitos, as grandes belezas inatingíveis, como se Joana não fosse feita de carne e osso. Não me permito mais deixar nas margens as nossas, com seus saberes, chamados de místicos, para diminuí-los. Aquelas rendeiras e pescadoras que, quando muito, têm apenas nome... Alzira! Não há sobrenome para elas. O que desejo é que nossa selvageria incivilizada tome nossos pés, e que encontremos nossas raízes profundas, que vêm daquelas tantas que deram a vida em busca de um “nós”.

A Narradora, novamente, pega a rede e a puxa, pescando as histórias colocadas pelo público. Pega uma história, olha e se espanta.

Após ter puxado toda a rede, carregando as outras histórias enredadas, caminha até a mesa e encontra ali a carta deixada por Joana.

NARRADORA *(lê a carta, junto com a voz em off de Joana)*

Lutei ao lado daqueles que foram os vencedores. Mas, a história que quero escrever aqui não é a deles. Quero escrever a outra história, o avesso das histórias. Quero que você saiba que existiram e existem muitas Joanas sem sobrenome. Que o cercamento de terras e de corpos aconteceu ontem comigo, e acontece hoje, com você. Na limitação dos nossos corpos, sentires e desejos, vidas fomos expatriadas da existência e moduladas como objetos. Do Deus de ontem, que tinha a feição dos nossos algozes, ao Deus de hoje, tão fantasmagórico e concreto, que ainda prega um paradoxo: a promessa de um paraíso, que virá sobre nosso sangue derramado.

Minhas cinzas correram o rio Sena; se espalharam, e na intenção de matar o mártir, me fizeram nascer. As águas propiciam a vida. Vocês deveriam saber disso.

A Narradora caminha até o público com a carta nas mãos, e a entrega para alguém.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

_____. Teses sobre o Conceito de História. In: _____. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Vol. 1. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet, Pref. Jeanne Marie Gagnebin, São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

DAWSEY, John. A Fábula das três raças no Buraco dos Capetas: corpo, máscara e f(r)icção. *Anais ABRACE*, Campinas, 2010. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vicongresso/teorias/John%20C.%20Dawsey%20-%20A%20f%20E1bula%20das%20tr%20EAs%20racas%20no%20buraco%20dos%20capetas.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2018.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira. *Guerreiras e heroínas em performance : Da Artetnografia à Metodologia em Artes Cênicas*. 2011. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle-REPOSIP/284426?mode=full>. Acesso em: 04 mai. 2019.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira. O mito como suporte intertextual na performance “Joana in Cárcere”. *Revista Moringa - Artes do Espetáculo*. João Pessoa, v. 4, n. 2, 2013. p. 45-59. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/17688/10118>. Acesso em: 04 mai. 2019.

MALUF, Sônia. *Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1993.

SACKVILLE-WEST, Vita. *Santa Joana d’Arc*. Trad. Marta Rodolfo Schmidt. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. *Chefe da ONU alerta para aumento da violência doméstica em meio à pandemia do coronavírus*. 06 abr. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 04 mai. 2020.

Submetido em: 16/05/2020
Aceito em: 17/06/2020